



NÃO AO SERVIÇO CÍVICO!

Camaradas:

A Reforma "Geral e Democrática" do Ensino é uma fraude! Sempre o afirmámos e agora comprovamo-lo. A insinuação mentirosa dos reformistas da UE"C"- "UNEP" de que é possível tecerem-se mudanças no ensino, que atinjam a sua estrutura de alto a baixo, e transformem a escola burguesa numa escola ao serviço das classes trabalhadoras, é agora incapaz de se sustentar do pé, e todos aqueles que algumas ilusões alimentavam abandonam-na agora definitivamente. Mas a UE"C"- "UNEP", cega de histeria na defesa da política anti-popular do MEC, não hesita em apoiar a expulsão de 28.000 estudantes das Universidades. Será isto a Reforma "Geral e Democrática" do Ensino?

Mas isto não chega para a UE"C"- "UNEP". Dizem esses senhores que neste momento é necessário "reconstruir a nação" e para isso é preciso "o trabalho de todos". Perguntamos: se é necessário o trabalho de 28.000 estudantes, porque não o é o de 150.000 desempregados? Pois, respondemos também: o que se pretende é transformar os estudantes em mão de obra barata que substituam na fábrica o trabalho do operário despedido, visto o seu salário pôr em perigo o fabuloso lucro do capitalista. É esta, objectivamente, a política do MEC apoiada pela UE"C"- "UNEP".

Mas surge-nos depois o problema da "superlotação das escolas" e da "falta de professores". A solenidade com que nos apresentam este "grave" problema, toma um leve sabor a ironia quando perguntamos: porque não se permite então a utilização dos seminários? Porque não funcionam as projectadas Universidades de Aveiro e Braga? Porque está fechada a já pronta Faculdade de Economia de Coimbra (situada na Avenida Dias da Silva)? Porque foram fechados os concursos a professores extraordinários da Universidade de Lisboa?

Caídos por terra os argumentos e preparado o seu enterro, eis que ressuscita súbitamente a UE"C"- "UNEP", e que apoiada em pesadas muletas (leia-se sindicatos dominados pelo P"C" P) desencadeia, em tom de último e gelido suspiro, uma vasta e orquestrada campanha de calúnias no seio da população, afirma que os estudantes o que querem é não trabalhar e roubar aos trabalhadores 25 contos por ano (e por estudante). Tencionam esses canalhas quebrar a unidade nas fileiras populares, partir as correntes de aço que unem a luta revolucionária dos estudantes à luta do Povo Português, pela Revolução Democrática e Popular.

Mas cuidado, se é verdade que o inimigo é um moribundo e que as correntes são de aço, não podemos por outro lado e ainda, subestimar a sua força. É necessário lançar uma vasta campanha de esclarecimento para a população, que abranja todos os seus sectores e a faça compreender que os estudantes querem estudar, querem ter aulas e mesmo admitem a possibilidade de produzirem de livre vontade, lado a lado com a classe operária, mas isso só no dia, em que o seu trabalho sirva a causa dos explorados, e não a carteira dos patrões. Que os faça compreender, mais, que a educação dos seus filhos é um dever do Estado, e que não reside na sua exploração, mas nos palácios dos patrões, nos seus automóveis espantosos, nas jóias que ostentam, nos hotéis que frequentam. Só assim deitaremos as últimas pázadas de terra sobre o túmulo da UE"C"- "UNEP".

E pois, contra toda esta maquinaria, em que participam com cota igual, o MEC, a UE"C" e a "UNEP" que se erguem por toda a parte, os estudantes portugueses candidatos ao primeiro ano, acumulando energia revolucionária e concentrando todas as partículas na imensa fogueira da Causa do Povo. O rápido desenvolvimento da sua justa luta é sintoma do agravamento da crise que abala o ensino, e que não é mais que um reflexo da crise geral do capitalismo português. Recusam-se pois os estudantes a receber sobre as suas costas a sua parte das maléficas consequências da crise de que só o capitalismo é responsável. Recusam pois os estudantes a escola burguesa e corrupta e exigem deliberadamente a Escola Democrática e Popu-

lar, reconhecendo assim intrinsecamente a necessidade da Revolução Democrática e Popular. São pois neste momento os estudantes um dos sectores do povo mais consciêntes integrados na via da Revolução. Cabe aos estudantes revolucionários colocar-se, decididamente, à cabeça da luta e conduzi-la para os objectivos mais justos.

Nesse sentido, a Federação Revolucionária dos Estudantes Portugueses (FREP) sai da os gestudantes progressistas de Coimbra que ousaram desencadear esta luta contra o "serviço cívico" e convocar este plenário de candidatos ao 1º Ano.

MORTE AO REFORMISMO DA UE"C"-"UNEP"!

NÃO AO SERVIÇO CÍVICO!

INGRESSO IMEDIATO NA UNIVERSIDADE!

VIVA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR!

POR UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR!

Coimbra, 19 de Dezembro de 1974

O COMITE EXECUTIVO DA FREP
PARA A CAMPANHA DA LUTA CONTRA
O SERVIÇO CÍVICO.